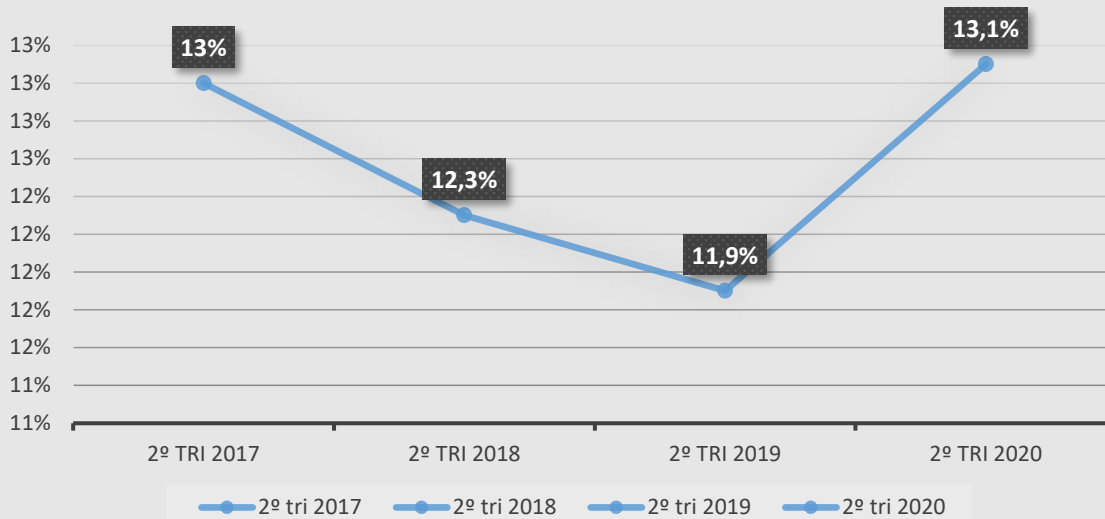


Taxa de desemprego com ajuste sazonal - 2º trimestre



Fonte: IBGE

Em decorrência do início da pandemia do novo coronavírus no final de dezembro de 2019, na China, assistimos ao distanciamento e isolamento social, bem como a paralisação de atividades que envolvessem aglomerações. Em alguns casos, a adoção do *lockdown*, uma expressão em inglês que significa confinamento, foi o método mais radical imposto por governos para garantir o cumprimento do isolamento social devido ao alto nível de contágio da doença.

Embora necessárias, essas ações tiveram como uma das principais consequências o aumento da taxa de desemprego, decorrente da redução da atividade e fechamento de milhares de empresas pelo mundo.

No Brasil não foi diferente. Do início da pandemia até junho, cerca de 1,3 milhão de empresas fecharam as portas definitiva ou temporariamente. Com base na mais recente Pesquisa Pulso Empresa – Impacto da Covid-19ⁱ, que coletou os dados de 16 a 31 de julho de 2020, dentre as empresas que resistem a esse momento de incerteza e queda da atividade econômica e precisaram reduzir o número de pessoal ocupado, 70,8% reportaram uma redução inferior a 25% do pessoal; 12,5% uma redução entre 26% e 50% do número de pessoal ocupado; e 10,7% uma redução de pessoal superior a 50%.

Após o início da pandemia, em fevereiro, algumas instituições começaram a realizar projeções em relação à taxa de desemprego para o ano de 2020, em virtude do impacto negativo do novo coronavírus e das medidas para seu combate na economia brasileira. Tais projeções apontavam para um crescimento significativo da taxa de desemprego no fim do ano. O *Bank of America*ⁱⁱ, por exemplo, revisou em maio deste ano a estimativa da taxa média de desemprego, de 12,6% para 14%. No mesmo caminho, o Itaú Unibancoⁱⁱⁱ, ajustou a taxa de desemprego de 11,4% para 14,7%. A Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV)^{iv}, por sua vez, desde abril projeta uma taxa de desemprego média de 17,8%. Além disso, o Departamento de Pesquisas Econômicas do Bradesco^v projetava uma taxa média de 11,4%, e revisou para 13,5%.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das quatro últimas semanas para as quais calculou a taxa de desemprego, ela só não foi de 13,1% na semana de 28 de junho a 04 de julho, quando ficou em 12,3%, já a taxa de desemprego trimestral com ajuste sazonal, encerrado em junho de 2020, foi de 13,1%^{vi}, demonstrando um crescimento de 1,2 ponto percentual (p.p.) em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (11,9%).

A divulgação dessa pesquisa para períodos mais recentes está atrasada. Sendo assim, a taxa de desemprego de 13,1% acima mencionada é do período anterior à flexibilização das atividades econômicas. Essa taxa é a maior dentre todas as do mesmo período nos últimos três anos, conforme apresentado no gráfico acima. Ela, porém, é muito próxima da segunda mais alta.

Visto assim, parece que apesar das medidas para a prevenção da doença dificultarem o processo produtivo e o dia a dia das empresas, os números a despeito de serem preocupantes, até o momento estão aquém do projetado. Porém, levando em consideração que no Brasil somente é considerado desempregado o trabalhador que está efetivamente buscando vaga de emprego, existe a possibilidade da taxa de desemprego ser maior que a demonstrada, quiçá maior que as projeções feitas pelas instituições. Três fatores básicos sustentam essa suposição, com base nos dados coletados pelo IBGE de 12 de julho de 2020 a 18 de julho de 2020^{vii}: o conjunto de pessoas sem emprego, mas que não estão procurando, em virtude da pandemia e as medidas de isolamento, que segundo o IBGE chega a 18,6 milhões de pessoas; o contingente de pessoas que estão afastadas temporariamente do trabalho por conta do distanciamento social, quarentena, isolamento, férias individuais ou coletivas, que corresponde a 6,2 milhões de trabalhadores; e as diversas possibilidades de trabalho remoto (*home office* ou teletrabalho) em diversas atividades que permitem manter uma grande quantidade de pessoas ocupadas e trabalhando, que corresponde a 8,2 milhões de pessoas, podendo dar a impressão de uma possível estabilidade na taxa de desemprego média.

Portanto, assim que divulgada a última pesquisa com os dados oficiais publicados pelo IBGE, da taxa de desemprego, a imprecisão quanto à situação real do mercado de trabalho da economia brasileira virá à tona.

Por conta da pandemia e das medidas de combatê-la, muitas pessoas não procuram uma nova ocupação, deixando de pressionar a taxa de desemprego. Por outro lado, existe um contingente de 65,3 milhões de pessoas que receberam o auxílio emergencial do Governo Federal em julho e um dos requisitos para sua concessão é estar desempregado. A partir do momento que o auxílio emergencial do governo for extinto, deve aumentar a pressão sobre a taxa de desemprego. Da mesma forma, com a flexibilização e retorno das atividades, parte das pessoas antes hesitantes em procurar emprego, por medo do contágio, ou porque as atividades estavam fechadas, passaram a engrossar a estatística das pessoas que não encontram emprego.

Nesse contexto, portanto, a taxa de desemprego atual não é um bom parâmetro para ser analisada sozinha, podendo dar a falsa impressão de relativa estabilidade na taxa de desemprego média, mesmo em um período de grande instabilidade.

Se a última taxa de desemprego informada já estava mais alta do que as do mesmo período nos últimos três anos, a retomada da atividade deve fazer com que a taxa anual salte para patamares para o quais as meras forças de mercado talvez não sejam suficientes para trazê-la de volta ao que seja mais parecido com a normalidade. Urge que nos planejemos enquanto sociedade para tal enfrentamento.

ⁱ Disponível em https://www.ibge.gov.br/estatisticas/investigacoes-experimentais/estatisticas-experimentais/28291-pesquisa-pulso-empresa-impacto-da-covid-19-nas-empresas.html?=&t=downloads&utm_source=covid19&utm_medium=hotsite&utm_campaign=covid_19. Acesso em 12/08/2020.

ⁱⁱ Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/05/05/bofa-eleva-a-14-projecao-para-desemprego-em-2020-no-brasil-por-impactos-precoces-do-coronavirus.htm>. Acesso em 12/08/2020.

ⁱⁱⁱ Disponível em <https://www.itaubpa.com.br/itautba-pt/analises-economicas/projecoes/cenario-brasil-agosto-2020>. Acesso em 12/08/2020.

^{iv} Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/24/taxa-de-desemprego-media-deve-subir-para-178percent-neste-ano-projeta-fgv.ghtml>. Acesso em 12/08/2020.

^v Disponível em <https://www.economiaemdia.com.br/SiteEconomiaEmDia/Projecoes/Longo-Prazo>. Acesso em 13/08/2020.

^{vi} Disponível em <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/centrais-de-conteudos/publicacoes/conjuntura-economica/emprego-e-renda/2020/ie-pnadc-junho-2020.pdf/view>. Acesso em 12/08/2020

^{vii} Disponível em <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em 13/08/2020.